



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS A DISTÂNCIA**

JANAÍNA MARIA ALVES CAMPOS

CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ESCRITA DAS MARGENS

CONDE/PB

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS A DISTÂNCIA

JANAÍNA MARIA ALVES CAMPOS

CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ESCRITA DAS MARGENS

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português modalidade a distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Profa. Dra. Ana Cláudia Félix Gualberto

CONDE/PB

2024

JANAÍNA MARIA ALVES CAMPOS

CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ESCRITA DAS MARGENS

Artigo apresentado ao curso de Letras a distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Data de aprovação: 01/07/2024

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CLAUDIA FELIX GUALBERTO
Data: 09/07/2024 09:36:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Félix Gualberto
Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA XIMENES GOMES DE OLIVEIRA
Data: 09/07/2024 10:11:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Ana Ximenes Gomes de Oliveira
Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br BEATRIZ PEREIRA DE ALMEIDA
Data: 09/07/2024 17:43:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Ms.^a Beatriz Pereira de Almeida
Examinadora

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

C198c Campos, Janaina Maria Alves.
Carolina Maria de Jesus : uma escrita das
margens / Janaína Maria Alves Campos. -
João Pessoa, 2024.
31 f.

Orientadora : Ana Cláudia Félix Gualberto.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2024.

1. Jesus, Maria Carolina de. 2. Literatura. 3.
Decolonização. 4. Marginalização. 5. Interseccional.
I.
Gualberto, Ana Cláudia Félix. II. Título.

UFPB/CCHLA
CDU 82

*Dedico este trabalho a Deus e à minha mãe, Norma Sueley Alves,
por ser meu grande exemplo de amor e resistência e por ser a
maior incentivadora dos meus estudos.*

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus, que me ilumina e me guia sempre.

Ao universo, por tamanha gratidão ao que venho recebido até então.

À Universidade Federal da Paraíba pela oportunidade.

À professora e orientadora Ana Cláudia pelo tempo cedido e dedicação neste trabalho.

Aos professores e técnicos administrativos que se fizeram presentes neste processo de graduação.

Aos meus avós João Francisco Alves e Necy de Souza Alves por todo amor e carinho.

Ao meu primo Antônio Júnior por toda irmandade.

Ao meu amor Ruan Carlos pelo amor e companhia de longa data.

À minha tia Neide Maria Alves (*in memoriam*) pelo amor e força de vontade que ela teve de me guiar nesta vida.

Mas devo agradecer, sobretudo, à minha mãe.

Como mulher negra comprehendo que nossos passos vêm de longe e é necessário homenagearmos sobretudo a quem está em vida, então minha grande homenagem neste agradecimento vai ela Norma Suely Alves, por ser a real força motriz e inspiração para a realização deste curso de graduação.

Minha admiração vai além da profissional, pois além de uma excelente professora de português e inglês, que batalhou intensamente nesta profissão para nosso sustento, é uma mãe muito incrível, dedicada e amorosa.

Ela segurou na minha mão quando eu era pequena para me ensinar o alfabeto, me fez ter gosto pela leitura de livros clássicos, a me interessar pela arte e pelo belo. Agradeço por cada "cinema em casa", pelo cheiro de pipoca no ar, pelos teatros contando fábulas e contos infantis de maneira lúdica que literalmente me fizeram estar aqui hoje em dia.

Agradeço todos os dias a Deus e aos protetores por ter nascido filha desta incrível mulher. Sua força e garra é tamanha que me impressiona sempre e espero ser pelo menos 10% do que minha mãe é.

Mãe, essa é por você, por nós! Obrigada por sempre acreditar em mim, serei eternamente grata ao seu amor e carinho infinito me curam, suas rezas iluminam meus passos desde 1993 e sua dedicação à maternidade é o que me faz ter esperança de dias melhores.

Ao futuro!

*“Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto
do mundo como ele é.”*
(Carolina Maria de Jesus)

*“Vão tentar derrubar, que é ‘pra’ me ver crescer
E às vezes me matar, que é ‘pra’ eu renascer
Como uma supernova, que atravessa o ar
Eu sou a maré viva, se entrar, vai se afogar”*
(Fresno – Eu sou a maré viva)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, pobre, favelada, catadora de lixo, semianalfabeta e brasileira que viveu no Brasil no século XX. Sua maior obra literária intitulada “Quarto de despejo: Diário de uma favelada” de 1960 retrata sobre sua origem nas condições precárias que sofria na sociedade por ter uma vida de desamparos sociais que marcaram sua existência. Esta obra literária é escrita em forma de mimética, ou seja, é através dos relatos pessoais da biografia da autora que podemos perceber e entender a forma que o mundo trata as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade, demonstrando assim que a marginalização é social e cultural, se estendendo à literatura. Por falar de sua existência através de um diário, foi a primeira mulher brasileira que ascendeu por causa de sua literatura que impactou a sociedade por causa de sua veracidade e intensidade que chamou a atenção internacional. Nesta perspectiva, o objetivo do trabalho é o de analisar a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* da autora Carolina Maria de Jesus, além de verificar como se evidenciou a literatura da autora, por Carolina construir uma identidade por causa de sua condição social, financeira, cultural e histórica. Desta forma, é notório que, apesar de a obra ter sido escrita há algumas décadas, continua tão atual que chega a ser marcante, além do fato de ter sido uma escrita que rompe padrões no qual a literatura estava inserida, que é historicamente é racista, patriarcal e elitista.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Literatura; Decolonização; Marginalização; Interseccional.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
INTRODUÇÃO.....	9
1. A vida e a obra de Carolina Maria de Jesus.....	11
1.1. A Infância e a vida adulta de Carolina Maria.....	11
1.2. Obra <i>Quarto de Despejo: Diário de uma favelada</i>	13
1.3. Outras obras da autora.....	17
2. A escrita marginal e periférica de Carolina Maria de Jesus.....	20
2.1. A marginalização social e literária.....	20
2.2. A intersecção presente na escrita de Carolina Maria de Jesus.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus através da ótica de uma mulher negra em perspectiva de literatura decolonial, buscando refletir sobre o que a obra fala da vida de uma mulher negra e favelada brasileira nas décadas de 50 a 60, através da identificação da representação a vida e obra da autora, expondo como a literatura de Carolina Maria de Jesus apresentava a invisibilidade social das pessoas, além de detectar elementos que consistem na obra da autora como uma autêntica literatura periférica, sendo um divisor de águas na literatura brasileira, uma vez que a literatura sempre se apresentou na história como classista e patriarcal.

A aclamada autora brasileira Carolina Maria de Jesus é uma das grandes escritoras negras brasileiras e foi através de sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* que ela ficou conhecida, por contar sua vida na favela que morava em São Paulo, sendo uma mulher negra, semianalfabeta, solteira, moradora de favela, mãe solo e catadora de papel, mostrando como era difícil sua realidade social e a sua luta pela sobrevivência.

Investigar sobre a vida e obra desta autora possui importância e relevância, uma vez que esta autora estava sempre às margens de uma sociedade, que até hoje busca excluir sobretudo mulheres negras que se encontram em condições sociais precárias.

É um trabalho de pesquisa em que é observada a história de vida de uma mulher negra e favelada que rompe com as concepções de linguagem precedentes e rompe com padrões preexistentes por, além de contar como é o seu dia a dia de nos anos de 1950 a 1960 no Brasil, também ressaltando um aumento considerável da população urbana que ocorreu através do êxodo rural, expondo o contexto social e político da época, com opiniões da autora sobre o contexto político da época.

No primeiro capítulo, pretende-se analisar a vida da autora literária, uma vez que demonstra importância já que a sua vida está intrinsecamente ligada à sua obra em questão. Já no segundo capítulo, busca-se observar a ruptura patriarcal e classista que a obra *Quarto de Despejo* fez na literatura brasileira, demonstrando que a marginalização, além de social, também é cultural.

Este trabalho de conclusão de curso tem por metodologia a revisão de literatura, uma vez que a obra consiste em um ser uma memória literária, que é quando a escritora conta e escreve sobre memórias que ocorreram em sua vida através de um diário. É uma

pesquisa quantitativa, onde procura-se verificar as opiniões, as ideias e os pensamentos da autora.

Também busca ser uma pesquisa exploratória, uma vez que tem como objetivo buscar maior contato e familiaridade com o tema proposto pela autora, de modo bibliográfico através de sua obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, uma vez que esta fonte bibliográfica é desenvolvida em um livro de obra literária que já foi elaborado, verificando o fato desta escrita ser uma pioneira no que se diz respeito ao elitismo presente até então na literatura brasileira, uma vez que foi escrito por uma mulher negra semianalfabeta, favelada, catadora de lixo, logo apresentando ser uma escrita às margens do que a literatura costumava propor.

1. A vida e a obra de Carolina Maria de Jesus

1.1. A Infância e a vida adulta de Carolina Maria

De início, é de extrema importância compreendermos a vida desta mulher, para analisar a obra e entendermos o contexto histórico e social pela qual a autora estava inserida pois Carolina Maria de Jesus é considerada uma das primeiras escritoras brasileiras negras e foi através de sua obra “*Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*” que ela ficou conhecida, por contar sua vida na favela que morava em São Paulo, sendo uma mulher negra, semianalfabeta, solteira, moradora de favela, mãe solo e catadora de papel, mostrando como era difícil sua realidade difícil.

Logo, pode-se perceber que, apesar de a obra ter sido escrita há algumas décadas, continua sendo tão atual que chega a ser doloroso. Além do fato de ter sido uma escrita que rompe padrões no qual a literatura, em sua maioria classista, estava inserida.

A obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, é uma obra composta por vinte diários, composto por demarcações de dias, meses e anos, escritos ao longo de cinco anos durante a década de 1950 e 1960 e está longe de ser um diário comum pois retrata com fidelidade a vivência de uma pessoa que, mais do que viver, tenta sobreviver diante do caos da pobreza, contendo uma narrativa crua, tocante, dramática e surpreendente, com relatos e sensações reais do cotidiano da autora.

A vida de Carolina Maria de Jesus é marcada por ter sido uma vida simples de uma pessoa pobre que luta por sua sobrevivência em meio ao caos que ela mesma acha que é morar na favela. A autora nasceu por volta de 1914 a 1921, data incerta, na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais e foi morar em São Paulo em busca de uma vida melhor, onde apenas encontrou lugar para morar na favela do Canindé. Neste local ela conseguiu fazer um barraco para morar, local onde a obra foi escrita.

Sua infância foi citada em sua obra “*Diário de Bitita*”, obra que foi lançado primeiro na França em 1982 e depois no Brasil em 1986, onde cita que não conheceu seu pai biológico e que sabia por cima que ele levava uma vida boêmia de um poeta que tocava violão e fazia composições de improviso, e que seu avô materno obteve muita influência em sua vida, onde lhe repassou valores cristãos que eram comuns no interior da época. Esta influência na infância é importante pois é um fato que se destaca na obra da autora é que, ao longo do livro ela expõe sua religiosidade, sua fé, sendo um motivo muito

forte que a impulsiona, evidenciando sempre a importância de acreditar em algo, neste caso a religião, para dar forças e poder continuar na sua luta diária.

Sobre as pessoas que lhe influenciaram na infância, Galvão (2017) destaca que:

Além do avô, tiveram destaque em sua infância: a professora Lonita Solvina, que lhe ensinou a ler e a escrever, e o mulato Manoel Nogueira, oficial de justiça, que além de incentivar constantemente o povo negro a estudar, também lia em voz alta, à porta de sua casa, ao fim da tarde, as notícias do jornal O Estado de São Paulo, aproximando, desse modo, o povo simples, iletrado, dos acontecimentos nacionais e internacionais. Com efeito, por meio destas leituras Carolina teve seu primeiro contato com o 'mundo das letras' e com alguns discursos de Rui Barbosa que muito lhe inspiraram, sobretudo aqueles que diziam respeito à necessidade de instrução das pessoas negras, considerada essencial à promoção da liberdade e autonomia (GALVÃO, p. 4, 2017).

Estudou por poucos anos, e logo após mudou-se com sua mãe e padrasto para uma fazenda em Uberaba, situada em Minas Gerais. Neste local, todos da família trabalharam por quatro anos como colonos, momento em que foram expulsos de sua terra, demonstrando aqui o êxodo rural que viveu com sua família, e que é um fato marcante tanto em sua vida quanto em sua obra, pois a autora retrata em sua obra “Quarto de despejo” diversos trechos que cita este fenômeno geográfico de migração e o quanto essa mudança impactou sua vida e obra.

A autora narra que foram apenas dois anos de estudo, no entanto foi o suficiente para ela se fascinar pelos livros e literatura. De origem muito pobre, a patroa de sua mãe viu o esforço da louveira e resolveu pagar pelos estudos dela em um colégio particular, local em que não se reconhecia, uma vez que não haviam outras meninas negras e pobres na escola privada, e este fato doeu na autora, pois sofreu muito racismo e discriminação por causa da sua condição social e da sua cor. Sobre sua ida com a família para São Paulo, em busca de condições melhores, Galvão cita que:

A mudança para São Paulo ocorreu em 1937. Nela, Carolina tivera vários trabalhos: camareira de hotel, vendedora ambulante, empregada doméstica, cozinheira, dentre outros. Entretanto, a primeira gravidez obrigou-lhe a deixar o trabalho como empregada doméstica e também a casa da patroa. Uma reforma urbanística na região onde passa a morar torna a situação ainda mais precária, pois ela é forçada a transferir-se novamente, desta vez para um barraco numa margem do Rio Tietê, local que se transformaria na Favela do Canindé (hoje extinta) (GALVÃO, p. 6, 2017).

A partir de diversas reflexões que teve diante da vida, conseguiu ao seu modo e maneira de escrever compreender o massacre do patriarcado no cotidiano das mulheres, além da relação de poder que haviam entre eles e por este fato Carolina enxergava poucas

vantagens em ser mulher por causa da submissão que existia implicitamente em ser mulher.

1.2. Obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*

Seu primeiro livro “Quarto de Despejo” foi publicado em 1960, Carolina Maria de Jesus tinha por volta de 46 anos, era mãe solo de três crianças e tinha como ofício ser catadora de materiais recicláveis, que tinha por principal objetivo conseguir seu sustento para alimentar seus filhos de doze, dez e sete anos, respectivamente. A maternidade é muito marcada no livro, devido à cobrança que a própria ela sofria enquanto mãe, mesmo quando estava adoentada ou se sentindo mal, tinha noção da responsabilidade de colocar comida na mesa, situação que nem sempre era possível.

Através de seu diário, Carolina Maria de Jesus relatou suas experiências difíceis na vida, sendo considerado muito representativo já que a autora mostra o próprio contexto em que vive, demonstrando sua consciência sócio-política, ao entender e sentir na pele o que é ser pobre, favelada e preta, sentir o gosto fiel da miséria, narrando fielmente todo seu cotidiano na favela e procurando sobreviver como catadora de papel e lavadeira, tentando manter-se viva e seus filhos também. A autora relata sempre a dificuldade de ser mãe solteira, passando por uma extrema pobreza com seus três filhos.

No contexto da autobiografia, vale salientar a força de uma mulher negra que estava sempre à frente de seu tempo através de suas anotações e relatos no diário. Através do livro é possível identificar a realidade da autora, através do esforço e cuidado da família, além de que é uma obra que se confunde com a biografia da autora.

A análise da obra de 1960 intitulada *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus, evidencia-se uma narrativa pessoal e subjetiva, que tem como foco narrativo em primeira pessoa, contendo uma linguagem simples com traços de oralidade e linguajar popular, onde apresentava uma narrativa muito forte e surpreendente porque relatava os aspectos vivenciados como uma sobrevivente do sistema.

A obra literária em questão é uma história real de sofrimento e de resiliência, de como uma mulher negra e periférica lida com todas as dificuldades impostas pela sociedade, e ainda consegue transformar em discurso a situação limite da vida, observando inclusive atitudes que critica de seus vizinhos, mas de certa forma

compreendendo que todos que estão situados ali se encontram sem acesso à uma mínima qualidade de vida.

Sobre a vizinhança descrita na obra “*Quarto de despejo*”, muitas vezes ela escreve em tom de crítica sobre estes, chamando-os de ‘Zé Povinho’, onde se sentia discriminada por estes por não ser do mesmo jeito, uma vez que a autora sempre se considerou artista. Por ela não conseguir mudar o ambiente em que vivia, sua arma era escrever em seu diário, onde é possível observar a visão crítica que a autora tinha sobre sua comunidade, como é possível verificar no trecho do livro a seguir:

Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz: – Que crianças mal iducadas! Eu digo: – Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro [...] (JESUS, p. 17, 1963).

Mas, ao mesmo tempo em que a autora desabafa sobre os vizinhos, mais especificamente sobre as “mulheres de favela”, que é um tema que ela cita bastante em seu livro, ela mesma também reconhece e se inclui nesta condição social, onde a mesma cita: “Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (Quarto de Despejo, p. 33). Sobre a escrita de Carolina, Gonçalves (2014) entende que:

A escrita de Carolina é produzida por/na ambiguidade de sua nova condição social: suas críticas, objeções, intransigências à moralidade da vida na favela são elaboradas como uma tentativa de se “reformar”.¹⁵ Faz, assim, uma síntese entre os novos padrões comportamentais urbanos e suas convicções culturais ancoradas em um mundo tradicional rural. Sua crítica aos aspectos morais da vida social na favela (alcoolismo, brigas de casais, intrigas, traição, maus-tratos dos filhos) incide sobre os papéis de gênero, recaindo sobre as mulheres, que ganham os qualificativos de “intrigueiras”, “bagunceiras”, “as cigarras da favela” (GONÇALVES, 2014, p. 28).

Então, ela escrevia em seu diário como forma de esperança para um futuro melhor, demonstrando muitas vezes sentimentos duros como raivas e crises emocionais por estar em um lugar que a própria considerava ruim, tanto por causa do esquecimento dos políticos daquele local, uma vez que não existiam políticas públicas que atendessem aquela população ali presente, quanto também por questões de vizinhança, já que sua escrita demonstra que haviam muitas pessoas que considerava ruins tanto para ela quanto para seus filhos.

A motivação que a protagonista sentia era de lutar por sua família para sair daquela vida, ou no mínimo sobreviver ao caos a que era submetida, que era a extrema

pobreza, lutando diariamente e muitas vezes sem descanso. Ela não se contentava com pouco e queria mudar tudo no mundo, mesmo que fosse em sua escrita, em seu diário. Logo, também via sua escrita como uma forma de sair da invisibilidade social.

É possível observar a realidade social da autora, sobretudo quando o assunto era cuidar da família, diante de tudo que viveu e passou necessidade. Sua obra em questão há muitos relatos sobre a fome, inclusive denominando que ela tem a cor “amarela”, e uma de suas maiores apreensões ao longo da obra é o fato dela deixar os filhos com fome, demonstrando assim o quanto ela se preocupa com seus três filhos, buscando o máximo possível de qualidade de vida para todos. A autora cita como a fome é prejudicial:

27 de maio de 1958 - A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? [...]

O Léon pegou o papel, recibi seis cruzeiros. Pensei em guardar para comprar feijão. Mas vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me. Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

A comida no estômago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Meu corpo deixou de pesar. [...] Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei a sorrir como se eu estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (Jesus, p. 45-46, 1963).

A questão de ser uma mulher solteira e com filhos também é abordada em seu diário. A autora, apesar dos pedidos que lhes eram feitos, recusou-se a casar, preferindo levar uma vida solitária do que se envolver em um enlace onde poderia viver violências que observava que a maioria das mulheres eram submetidas, e este ponto era visto com desconfiança pela sociedade, como citado a seguir:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabus do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impuseram eram horríveis (JESUS, p. 14, 1963).

Como desde nova observou que o patriarcado interfere na vida das mulheres, preferiu viver o resto de sua vida sem um companheiro amoroso, em que a própria era a chefe de sua casa e assim decidia quem poderia entrar e sair de sua vida. Esta decisão de

vida lhe fez ter que se empenhar em uma força maior ainda para se sustentar e sustentar seus três filhos em um ambiente no qual teve que se submeter ao trabalho precarizado, tendo que assumir o papel tanto materno quanto paterno para eles. Carolina Maria preferia viver uma vida ‘solitária’ do que viver uma vida conjugal com problemas e em situações vexatórias, que a mesma observava e informava em suas escritas que eram muitas mulheres que passavam por isso.

Sobre seus filhos, apesar da exploração e violência que era submetida todo dia na sociedade em que estava inserida, a catadora de lixo fazia questão que seus filhos fossem à escola e sonhava em ver sua filha professora. Era uma mãe firme e amorosa, nunca lhes faltava a leitura de histórias que a mãe contava para seus três filhos, chamados de Vera Eunice, José e João.

Por ter que assumir diversos papéis no que diz respeito à família, é possível observar na obra a angústia que Carolina Maria tinha por ter medo e receio de que algo poderia acontecer com seus filhos enquanto ela estivesse trabalhando, na sua ausência em casa para catar papéis ou comida na rua.

Em determinado trecho do livro, ela faz apontamentos sobre a política vigente da época, onde ela revela que a maioria dos políticos só procuravam visitar a favela em época de eleição, ou seja, os favelados somente eram lembrados em momentos para que políticos conseguissem os votos daquela população, e logo após nunca mais apareciam.

Importante destacar a parte em que ela escreve sobre a política brasileira, demonstrando assim ser uma mulher que tinha noção socioeconômica e política brasileira, e que, apesar de muitos acharem que não, as pessoas da favela tinham consciência da realidade em que viviam, sobretudo do esquecimento que os políticos as deixavam.

Foi então que em 1960 foi publicada sua obra mais famosa intitulada “*Quarto de despejo: Diário de uma Favelada*”, obra que foi traduzida para mais de quatorze línguas diferentes, circulou em quarenta países e foi um dos livros mais vendidos daquela época. Sobre o sucesso da obra, vale a pena analisar que na época uma obra bem-sucedida vendia quatro mil exemplares, e somente nos primeiros doze meses, *Quarto de despejo* teve uma vendagem de mais de 70 mil cópias (GALVÃO, p. 8, 2017).

Virou sucesso internacional, situação que nenhum autor brasileiro havia conquistado este sucesso de vendas até então, além de que revistas internacionais como *Life*, *Paris Match* e *Time* fizeram reportagens sobre a vida de Carolina e sua obra *Quarto de Despejo* (Machado, 2006, p. 106).

Mas ao mesmo tempo que ela publicou o livro, também pouco entendeu o motivo da “vida dos favelados” terem sido a sua escrita de maior destaque, como a autora cita no livro “Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada”, “*Eu não sei o que êles acham no meu diário. Escrevo a miseria e a vida infesta dos favelados*” (JESUS, 1961. p. 28).

O seu livro intitulado *Casa de Alvenaria: Diário de uma favelada* é um livro que, assim como *Quarto de despejo*, é escrito em forma de diário, de autobiografia da autora e de sua família, que narra do dia que assinou o contrato com a Livraria Francisco Alves, que foi dia 5 de maio de 1960 até o dia 20 de maio de 1961, onde neste momento ela passou por transformações sociais, e tornou-se famosa por sua obra *Quarto de Despejo*, saiu da favela do Canindé e foi morar em uma casa na cidade, mudando assim seu ciclo social por um status mais alto por causa destas condições.

1.3. Outras obras da autora

Carolina Maria de Jesus, além de escrever o diário que a tornou notável no mundo da literatura, também escreveu romances, peças de teatro, poemas e provérbios. Além de escritora, Carolina também era compositora, cantora e chegou até a se apresentar em programas de televisão e a gravar um disco. Logo, nota-se que a arte de Carolina Maria de Jesus expressava sua arte também em outras linguagens.

A música “Ra, Ré, Ri, Ró, Rua” foi de sua composição e conseguiu destaque dentre as músicas populares brasileiras. Segue a seguir um trecho de sua música :

“Você vai embora
Que esta casa não é tua
Ra, ré, ri, ró, rua
Você vai embora
Que esta casa não é tua
Você chega de madrugada
Fazendo arruaça e xaveco
Além de não comprar nada
Ainda quebra o meus cacareco
Rá rá rá rá
[...]
Ra, ré, ri, ró, rua
Você vai embora
Que esta casa não é tua”
(Maria Carolina de Jesus - Ra, ré, ri, ró, rua)

Interessante compreender que em qualquer linguagem artística que Carolina Maria se propôs a fazer, havia uma marca registrada da escrita da autora, que se apresenta

sempre de forma insurgente, que resiste e se rebela, ou seja, o eu lírico do poema é o mesmo do diário.

Após todo sucesso alcançado, entre autógrafos e viagens inclusive internacionais, com o dinheiro que surgiu a partir da publicação de seu primeiro livro, Carolina Maria conseguiu realizar seu sonho de comprar uma casa de alvenaria em um local fora da favela e residiu neste local por algum tempo, mais confortável que a favela de Canindé em São Paulo em que viveu.

No entanto, a “escritora favelada”, como ficou popularmente conhecida, obteve sucesso por pouco tempo, uma vez que foi duramente cortado por causa do golpe militar de 1964. Sobre o que Carolina fez com o dinheiro que ganhou durante seu sucesso, Gonçalves explica que:

“Carolina sai da favela, compra uma casa de alvenaria, gasta todo o dinheiro que ganha e pensa em retornar para sua atividade de catadora. Consegue vender sua casa e comprar um sítio em Parelheiros, nos arredores de São Paulo, onde passa a viver como na sua infância, cuidando dos porcos e de uma pequena roça”. (GONÇALVES, 2014, p. 24).

Posteriormente, Carolina Maria lança mais dois livros autobiográficos chamados de *Casa de Alvenaria*, sendo este uma obra que descreve sua condição social após o sucesso que adquiriu com *Quarto de Despejo*, e *Diário de Bitita*, que possui suas recordações da infância que teve em Minas Gerais.

No entanto, essas obras não obtiveram o mesmo sucesso, sendo uma questão que a autora não consegue sustentar sua situação financeira confortável. Por falta de instrução monetária, ludibriada e enganada por pessoas gananciosas que se aproveitaram de sua genialidade e por fim, acabou vivendo seus últimos anos em uma casa humilde a cerca de 40 quilômetros de São Paulo, no interior, simples, sem qualquer glamour e pouco lembrada pelas pessoas e morre com 62 anos de idade, em 1977, em condições de ostracismo. Na questão do falecimento da autora, Galvão explica que:

“A aceitação da escritora subalterna, que atualmente é considerada a precursora da chamada 'literatura marginal' no Brasil, teve, à época, uma validade circunscrita e, com o tempo, Carolina foi esquecida pela mídia. A ascensão econômica inicial não significou uma ascensão (e aceitação) social. Permaneceu como um 'caso', uma espécie de brecha na hegemonia do mercado editorial brasileiro do período, fruto sobretudo das conjunturas da época, apesar de seu inegável talento.” (GALVÃO, p. 11, 2017)

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de 1960 foi seu maior sucesso enquanto escritora, no entanto, ela também foi autora de outras obras literárias, como *Casa de alvenaria* de 1961 e *Fome* de 1963. No entanto, estas outras obras não despertaram tanto o interesse nem da crítica e nem dos leitores quanto “*Quarto de despejo*” e, sem sucesso de vendas, a autora acabou caindo no esquecimento, Em suas obras póstumas publicadas no Brasil, encontram-se as obras *Diário de Bitita* de 1986 foi publicada no Brasil a obra póstuma, *Meu estranho diário* em 1996, *Antologia Pessoal* em 1996 e *Onde estás felicidade* no ano de 2014.

Atualmente, as obras literárias de Carolina Maria de Jesus estão cada vez mais presentes em objetos de estudo, tanto dentro da academia quanto fora. A autora conseguiu se destacar por suas obras e é homenageada em muitos lugares, onde inclusive conquistou em 2021 uma homenagem póstuma com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, considerado uma honraria no meio que somente pessoas ilustres e capacitadas recebem, demonstrando assim o quanto sua vida e obra são consideradas importantes e apreciadas pela literatura, tornando-se hoje uma figura essencial na literatura brasileira.

Através das memórias da autora, é possível identificar a existência de outras mulheres em situações complicadas, muitas vezes vexatórias na em posição de submissão à sociedade brasileira, que ela já enxergava como racista, machista e elitista, entendendo que existe uma falta de políticas públicas para qualquer deste público-alvo, uma vez que todo o contexto social de extrema pobreza brasileira vêm sendo invisibilizado pelos poderes públicos.

Estes são alguns fatores que não mudaram até hoje, tornando-se assim um livro atemporal no que se refere às situações precárias que muitas mulheres, sobretudo as negras e marginalizadas pela sociedade ainda são submetidas. É possível identificar que o racismo estrutural foi e ainda é uma dura verdade que ela passou e ainda hoje, é presente.

2. A escrita marginal e periférica de Carolina Maria de Jesus

2.1. A marginalização social e literária

Carolina Maria de Jesus possuía uma vida de marginalidade social, uma vez que toda sua vida ela passou às margens da sociedade, tanto na sua infância pobre e em condições de migração da família. Esse êxodo das famílias do interior para as grandes cidades ocasionou no aumento das cidades, onde surgiram as primeiras favelas, onde que na sua fase adulta a autora também sentiu isso na pele, pois morou em uma favela que era localizada às margens do Rio Tietê, em São Paulo. Sobre o conceito do termo de marginalização:

Do ponto de vista artístico mais amplo o sentido para o termo “marginal” corresponde às produções que suspendem as normas e paradigmas estéticos canônicos. Na história literária brasileira recente o termo aciona um momento singular ao apontar para o rico movimento estético e cultural ocorrido na década de 1970, que se posicionava contrário às formas editoriais hegemônicas de produção e circulação do texto literário. A literatura marginal dos anos 1970 constituiu-se à margem da cultura vigente, protagonizada por artistas, escritores e intelectuais advindos das classes médias e com amplo acesso à cultura letrada (DE MIRANDA, 2014).

Então, a autora é atualmente considerada uma das pioneiras da considerada “literatura marginal” brasileira, pois foi uma mulher que “rompeu paradigmas socioculturais de sua época, na medida em que conseguiu, não obstante sua condição de extrema marginalidade, fazer-se ouvir por meio da escrita de seu cotidiano” (GALVÃO, 2017, p. 3).

Sobre literatura marginal, é necessário destacar que na década de 70 aconteceu a chamada Literatura Marginal, também conhecida como Geração Mimeógrafo, e como foi dito na citação acima de Miranda, é uma literatura de jovens poetas que estavam e escreviam à margem do mercado editorial, advindos da classe média e intelectual da época. A escrita de Carolina na década de 60, que denuncia uma marginalidade social, reivindica o seu lugar de escritora e anuncia o seu próprio modo de escrita. Desta forma, a marginalidade apresentada aqui é a social, e não a estrutura literária.

Uma questão importante de ser citada é que a marginalização, além de social, também é cultural, uma vez que a literatura também, por muito tempo, foi escrita de pessoas com condições sociais e financeiras altas para também pessoas do mesmo nicho, demonstrando assim o quanto a literatura por anos foi patriarcal e elitista. Logo, na época

da publicação do livro, mais do que hoje, a literatura era ofício de homens brancos, letrados e, com exceções, ricos e em posição social elevada (Lajolo, 1995).

Desta forma, a presença de uma mulher que escreve sua realidade, que não era uma realidade vista na literatura brasileira, é uma questão que irrompe séculos e demonstra o quanto esta autora e sua obra tinham um viés transgressor, apresentando uma escrita que, além do fato de ser uma mulher, pobre e negra, também se demonstra importante por ela apresentar sua realidade, além da consciência política, social e cultural que aquela mulher que, mesmo com pouco estudo em escola, possuía.

Carolina Maria de Jesus estava sempre escrevendo, sobretudo sobre política, para que os jornais a notassem, onde escreveu um poema em homenagem a Getúlio Vargas, que foi publicado no jornal “O Defensor”, porém nenhuma dessas suas escritas faziam o sucesso esperado.

O jornalista Audálio Dantas (1929-2018), no ano de 1958, foi uma figura importante que reconheceu a genialidade da literatura da autora, pois além disso ela mostrou rapidamente para ele seus diários e cadernos falando da sua vivência na favela que morava. Sobre esta circunstância, Galvão destaca que:

Carolina escrevia há vários anos e por diferentes meios (editoras nacionais e estrangeiras, redações de jornais etc.) tentara publicar seus manuscritos sem, contudo, obter sucesso. O tempo para a escrita (e leitura) era conseguido em noites de insônia, enquanto o feijão cozinhava, ou ainda em momentos outros, roubados aos afazeres cotidianos. Os papéis utilizados para o 'ofício' eram aqueles encontrados nas ruas. Além dos diários, a autora dedicou-se também à escrita de poemas, romances, músicas, contos, provérbios etc., preferindo estas outras suas manifestações literárias àqueles (GALVÃO, p. 7-8, 2017).

Nos seus vários cadernos escritos, entre poemas, romances e relatos de sua sobrevivência, ele achou a melhor reportagem que poderia encontrar. Sendo assim, em 1958, ano que Carolina Maria, encontra na porta de sua casa o jornalista da Folha da Noite Audálio Dantas, que está por acaso fazendo uma reportagem sobre o crescimento das moradias, e consequentemente a favela nas margens do Rio Tietê. Sobre este encontro, Gonçalves (2014) cita que:

Esse encontro revira sua vida e dá visibilidade à sua escrita. A matéria do jornal passa a ser sobre os diários de Carolina. Em 1960, Audálio compila seus diários e Carolina publica seu primeiro livro: *Quarto de despejo*. O livro vende dez mil exemplares na primeira semana e ganha sucessivas tiragens feitas pela Editora Livraria Francisco Alves, chegando a cem mil exemplares em seis meses (GONÇALVES, 2014, p. 24).

O jovem jornalista alagoano tinha uma visão de mundo diversa diferente da de muitas pessoas, inclusive de Carolina Maria de Jesus, e este fato definiu muito seu ponto de vista, uma vez que Audálio Dantas:

Participava dos movimentos sociais e políticos daqueles anos, acompanhava a efervescência renovadora na música, no cinema, no teatro, na literatura, preocupava-se com as transformações sociais e com a coletividade, participava especialmente da criação do novo jornalismo, no qual reportagens com uma visão mais à esquerda e imbuídas de responsabilidade social passaram a ter espaço. Ele fez a primeira e bem-sucedida matéria sobre Carolina, que consistiu na apresentação da escritora, incluindo fotos, uma poesia e citações do diário, tudo exposto como depoimento e denúncia da situação vivida pelos pobres, a partir da perspectiva interna da favela (Machado, 2006, p. 106).

Carolina Maria de Jesus entrega em sua obra “*Quarto de despejo*” uma questão pouco comentada, sobretudo na comunidade literária brasileira de sua época, pois além de escrever com desenvoltura, apesar de erros ortográficos, sintáticos e gramaticais, ela consegue escrever sobre questões da autora que não tinham sido inseridos neste meio literário. Para o autor Machado:

Sucesso mais inexplicável ainda, porque o livro espelhava precisamente as determinações de raça, classe social, escolarização, profissão, procedência, sexo e idade da autora. Era o diário da fome cotidiana, da miséria, dos abusos e preconceitos sofridos por ela, seus filhos e outros favelados. A escrita era caótica, cheia de incorreções ortográficas, sintáticas e de pontuação (Machado, 2016).

Todos esses motivos foram aclamados pelo público da época. Inclusive, sua escrita considerada por alguns “caótica”, por muitas vezes possuir alguns erros gramaticais, na obra são determinantes para compreender todo o sistema precário que ela vivia, dando inclusive mais peso ao caos que era viver aquela situação que tanto a incomodava e realmente sentia na pele. O valor estético literário da obra é a construção da resistência na escrita, fora da norma culta, erros e desvios, se liga a resistência das dificuldades de vida narradas pelo diário.

Carolina Maria de Jesus tinha fome, não só de comida, mas também de ler e escrever. Ela sempre está destacando vez ou outra o quanto a prática da leitura e da escrita a ajudam em momentos que está sentindo irritabilidade, onde ela considera esta atividade como prazerosa, como é visto no trecho: “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (Jesus, p. 25).

Ela considera a escrita em sua vida como uma necessidade que sua alma tem para tentar sair um pouco da severa realidade que vivia, já que é na escrita que ela pode imaginar uma outra realidade, no qual ela têm o poder de voar, tal qual os pássaros:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários (Jesus, 2007, p. 60-61).

Sua persistência em escrever para tentar se afastar um pouco de sua realidade é percebida na obra *Quarto de despejo*, pois é na sua escrita que ela narra os dramas vividos, sendo no papel e na escrita um local que ela pode despejar seus sentimentos: “Hoje, estou reiniciando a escrever o meu diário, creio que não poderei viver sem escrever porque os dramas continuam a acontecer enquanto vivemos...” (Jesus, p. 54). Ela precisa ter uma espécie de “válvula de escape” da sua vida, que ela encontra na arte da literatura.

A narrativa de Carolina Maria explora bastante a sua condição social, por morar em uma favela, mas, mesmo assim, tem consciência da condição racial que vivia, pois mesmo que esta narrativa seja tema secundário do universo da autora (CORONEL, 2014, p. 273), a sua compreensão do racismo em sua vida era tanta que ela cita no livro *Quarto de Despejo*:

(...) Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:
– É pena você ser preta.
Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeca ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, p. 58, 1963).

Sua identidade negra também era partilhada com sua família, quando ela escreve no livro “Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia” (Jesus, p. 43). Sua consciência racial era tamanha que em outro trecho a autora destaca: “Hoje é o dia que comemora a libertação dos escravos. [...] A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (Jesus, p. 32, 1963).

Sua consciência sobre o poder que a raça tem sobre a vida social, que ela cita na obra que: palavras: “Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações” (Jesus, 1960, p. 70).

Carolina Maria possui também uma visão irônica sobre diversos assuntos que está refletido no livro, sendo possível observar no trecho: “Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes elétricos” (Jesus, p. 41). A autora ironiza o estado que

vive sua família e a condição que as permeia, apontando mais uma vez o tema da fome com um olhar irônico, sempre abordando o sofrimento e a dor que sentiam, já que era este o único alimento que tinham e não seria desperdiçado, apesar da condição que o pão se encontrava.

A dureza que ela comenta também está atrelada a outras condições que vão além do pão, entendendo que ela também pertencia ao sentimento de dureza, contemplando a rotina e a vida dos moradores da favela de Canindé (Coronel, 2014, p. 273), com o seguinte relato em sua obra: “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado” (Jesus, p. 42).

Seu sonho nada mais era que viver bem, diferentemente do que estava habituada, sendo um sonho muito comum às pessoas que desejam atravessar a barreira da classe social, sobretudo às pessoas hipossuficientes, como é possível observar isso no trecho:

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (Jesus, 1993, p.19).

Ela também escrevia em momentos para esquecer de suas dificuldades do dia a dia, além de também tentar driblar a fome, e assim desviar da irritabilidade que sentia, que se confirma no registro da obra:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades (Jesus, p. 52, 1963).

Apesar da escrita sobre a dura realidade que vivia, existe na autora também a capacidade de observar as coisas boas que existia na vida, desfrutando das situações do cotidiano, ainda que estes não sejam tantas, como é observado o trecho a seguir de sua obra:

23 maio de 58: [...] O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro-rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe (Jesus, p. 44, 2007).

Ou seja, ao mesmo tempo é possível entender que Carolina Maria possui uma visão ampla da vida, com consciência na questão social e política, não sendo uma autora de apenas alguns assuntos, pois ela descreveu com empenho diversos momentos e

situações que se encontrava e passava, onde demonstra que apesar da seriedade em assuntos que permeiam sua vida, como por exemplo a pobreza, sua escrita também possuía a sensibilidade que não se perdia por causa dos outros fatores. Sendo assim:

Carolina Maria de Jesus representa assim o forte contraste existente entre a beleza do mundo e a injustiça nele reinante. O encantamento e a tristeza reunidos compõem um quadro de grande força expressiva, que a autora constrói sobriamente, a partir da mera justaposição dos elementos opositivos, sem pieguice, sem autocomiseração. Contrariando a concepção vigente de que as dificuldades materiais endurecem a sensibilidade estética, a autora menciona mais de uma vez, junto a seus próprios percalços, o deslizar suave das aves pelo horizonte, simbolizando a vida serena que não tem (CORONEL, 2014, p. 273 – 274).

Carolina Maria de Jesus atualmente é considerada como uma autora que escreveu bastante sobre sua condição social considerada marginal e, considerando a questão social, cultural e histórico na época em que foram escritas suas obras, é imprescindível destacar que foi seu caso foi de extrema relevância e importância por ser uma mulher na literatura que ascendeu através de sua escrita.

Sua literatura de protesto é fundamental para que sua obra seja tão incisiva e tão mundialmente aclamada. Sobre a literatura de protesto, Miranda comprehende que:

Carolina Maria de Jesus é precursora da Literatura Periférica no sentido de que ela é a primeira autora brasileira de fôlego a constituir a tessitura de sua palavra a partir das experiências no espaço da favela. Isto é, sua narrativa traz o cotidiano periférico não somente como tema, mas como maneira de olhar a si e a cidade. Por isso, seu olhar torna-se cada vez mais crítico diante do cenário de ilusões que São Paulo projetava com sua falsa imagem de lugar com oportunidades para todos – crença que a fez migrar de sua cidade natal na juventude (MIRANDA, 1995)

A obra de Carolina impactou inquestionavelmente o cenário de literatura brasileira, uma vez que possui expressão mimética, ou seja, é uma literatura que fala sobre sua própria vida, uma espécie de experiência autoral, e essa expressão da literatura vêm sendo cada vez mais utilizada no contexto da literatura brasileira atual.

A marginalização que está presente na obra não é apenas social, uma vez que ela é uma mulher periférica, negra, semianalfabeta, e estas intersecções de gênero, raça e classe possuem peso na vida dos que a possuem. Esta marginalização também está presente na literatura, onde é possível compreender que, apesar de a autora sempre ter escrito sobre temas relevantes para a sociedade como por exemplo a política, a única escrita que despertou a curiosidade dos leitores é quando ela fala sobre sua experiência quase que cruel dentro da favela, demonstrando que existe uma curiosidade estranha e até mórbida que a elite tinha sobre a vida das pessoas mais humildes, que persiste até os dias atuais.

2.2. A intersecção presente na escrita de Carolina Maria de Jesus

Outro ponto interessante é que, mesmo Carolina Maria de Jesus não compreender nem levantar diretamente a bandeira sobre o conceito de intersecção, é possível ver em sua leitura o quanto a autora compreender que estas questões realmente impactam a vida, tanto dela quanto a das pessoas que a cercavam, pois ser uma mulher que tinha intersecções como a de raça, gênero e classe realmente moldavam a vida do ser humano.

Sobre o conceito de interseccionalidade, Crenshaw conceitua que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002: 177).

É notória a importância de se debater sobre a questão interseccional, já que este olhar é fundamental para que fujamos de análises simplistas, uma vez que a história tem nos mostrado que a invisibilidade mata (Ribeiro, 2015) para demonstrar o retrato da desigualdade em nossa sociedade, sobretudo a brasileira que possui diversas formas de opressão. Também é importante destacar a necessidade de descolonizar e enegrecer a literatura.

Nota-se então que a vida da mulher negra e periférica é diferente da mulher branca, visto que estas possuem históricos totalmente diferentes, como por exemplo a mulher que por diversas vezes foi retratada na literatura como frágil e amável, é possível dizer que este conceito recai sobre o corpo da mulher branca, já que o corpo da mulher negra é visto como sempre como aquele que é resistente e que “tudo suporta”, demonstrando aqui como o “mito da fragilidade branca” também recai sobre os livros de literatura. Sobre este mito, Sueli Carneiro explica que:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2013, p. 12).

No contexto do mito da mulher frágil, também existe o mito da mulher negra forte, a autora Djamila Ribeiro entende que:

A construção de feminilidade das mulheres negras é diferente da das mulheres brancas. Mulheres negras não foram aquelas que ficavam em casa enquanto o marido trabalhava: desde o pós-abolição, em sua maioria, são aquelas responsáveis por suas famílias. Por conta das violências pelas quais passam, criou-se o mito da mulher negra forte, guerreira, que enfrenta tudo. Mulheres negras precisam ser fortes porque o Estado é omissa. Essa denominação, além de encobrir a omissão e ilegalidade do Estado, também é desumana no sentido de não reconhecer suas fragilidades próprias da condição humana. Como diz Grada Kilomba, mulheres negras são o outro do outro por serem a dupla de antítese de branquitude e masculinidade, o que cria uma hierarquização de humanidade, nos colocando numa sub-categoría (Ribeiro, 2015).

Logo, em uma perspectiva interseccional, a mulher negra nunca ou quase nunca assume o papel de “mulher dócil e feminina”, sendo um papel da realidade da mulher branca, pois a mulher negra assumiu em toda a história da humanidade papéis tipicamente masculinos que não são remetidos à fragilidade. As primeiras mulheres negras que pisaram em solo brasileiro foram trazidas de suas terras aprisionadas e escravizadas, diferentemente da realidade da mulher branca que chegou em solo brasileiro.

Carolina Maria de Jesus consegue em sua escrita quebrar esse mito da mulher negra forte, pois apesar de demonstrar na escrita a dura realidade que vivia e sentia na pele, ela também possuía um olhar poético carregado de emoção que quebra com esta visão estereotipada, visto que ela também apresentava uma sensibilidade em sua escrita que bate de frente com este mito de que a mulher negra é durona e possui sentimentos embrutecidos.

Sendo assim, é considerada uma autora símbolo de empoderamento, que escreveu em suas obras a luta contra o silenciamento que existia por sua condição de raça, gênero e classe, que rompeu e transgrediu os paradigmas impostas em sua época, onde rompeu com sua condição de marginalidade e se fez ser ouvida através de suas obras, demonstrando ser uma conquista relevante tanto para a autora quanto para a sociedade que visa contrariar o racismo, o machismo e o elitismo que permeia a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra mostra uma grande originalidade no qual aborda a perspectiva em que retrata o sentimento da autora diante da vida, exposto a invisibilidade que vivia no qual se considerava invisível diante de tantos obstáculos sociais presentes, do qual ela apresenta no diário que tinha muita vontade de sair daquele lugar, uma vez que não romantiza a miséria que sofria.

Uma mulher negra e favelada que rompe com as concepções de linguagem precedentes e rompe com padrões preexistentes por, além de contar como é o dia a dia de uma mulher negra e favelada nos anos de 1950 a 1960 no Brasil, também ressaltando um aumento considerável da população urbana que ocorreu através do êxodo rural, expondo um contexto social e político da época, como por exemplo a opinião da autora sobre os políticos da época, em especial do então o Governo de Juscelino Kubitschek, em um livro autobiográfico escrito em forma de diário, com mais de 200 páginas.

A vida de Carolina Maria em questão deu um livro, tanto que a obra *Quarto de despejo* é uma autobiografia da autora, onde é possível observar o tanto de tantas coisas que ela passou e foi submetida. A autora possui uma escrita tão forte por ela ter e compreender sua consciência sociopolítica, além possuir uma carga identitária étnico-racial, onde comprehende que maior parte das situações vexatórias em que vive se dá pelo fato do racismo ser presente em sua vida, por ser uma mulher, pobre e negra.

Logo, nota-se que Carolina Maria de Jesus representa muitas mulheres brasileiras que vivem no Brasil de forma anônima. Mães carentes, sobrecarregadas, mas cheias de vontade de existir em forma de resistência. Uma mulher negra, cheia de sonhos, acorrentada em uma sociedade racista, machista e patriarcal, que a esmagou e esmaga sonhos e vivências de pessoas que tentam sobreviver na sociedade brasileira.

Esta obra, sobretudo, expõe a cruel vida das pessoas faveladas através de um diário e ótica da autora Carolina Maria de Jesus escreve, de forma simples e ao mesmo tempo profunda, contando sobre o dia a dia que viu e viveu em um estilo único de literatura que comove pelo seu profundo realismo e sensibilidade sobre a sociedade, através de uma linguagem simples, com alguns erros gramaticais e ortográficos, sem palavras difíceis e com um estilo próprio.

Vale salientar que a escritora tinha a força, demonstrando estar sempre a frente de seu tempo através de seus relatos que contêm autenticidade, sofrimento e com muita

veracidade, comprovando que até os dias atuais a escrita de Carolina Maria de Jesus desperta a curiosidade dos leitores por ser real, visceral, desafiadora e comovente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero In: Racismos contemporâneos. Organização, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed, 2003. (Coleção valores e atitudes. Série Valores; nº 1. Não discriminação).

CORONEL, Luciana Paiva. **A censura ao direito de sonhar** em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 271-288, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. **Porque é que a interseccionalidade não pode esperar.** Disponível no link: <https://apidentidade.wordpress.com/2015/09/27/porque-e-que-a-interseccionalidade-nao-pode-esperar-kimberle-crenshaw/>. 2015. Acesso dia 30 março de 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio.** Revista USP, n. 37, p. 82-91, 1998.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** Livraria F. Alves, 1960.

DE JESUS, Maria Carolina de. Música “Rá, Ré, Ri, Ró, Rua.” Link: **Quarto de despejo: diário de uma favelada.**

<https://www.letras.mus.br/carolina-maria-de-jesus/ra-re-ri-ro-rua/> Acesso em: 20 FEV 2024.

DE JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DE JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada.** São Paulo: Francisco Alves, 1961.

DE JESUS, Carolina Maria. **Meu Estranho Diário.** São Paulo: Xamã, 1996b.

DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1994.

DE MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **A experiência literária marginal em três atos: O maldito dos anos 70, o “periférico” contemporâneo e a outsider Carolina Maria de Jesus.** Estação Literária, v. 12, p. 332-342, 2013.
Lajolo, M. (1995). A leitora no quarto dos fundos. Leitura: Teoria. 14(25), 10-18.

GALVÃO, Andréia Márcia de Castro. **Carolina Maria de Jesus: sua escrita, sua vida.** Fênix-Revista De História E Estudos Culturais, v. 14, n. 2, 2017.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida** (os diários de Carolina Maria de Jesus). *Horizontes Antropológicos*, v. 20, p. 21-47, 2014.

MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário.** Revista Psicologia Social (online), vol.18, n. 2, P.105-110 (p.106), mai./ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/5t5dNgXh7yTsQTLjQWMG87F/> Acesso em 05 FEV 2023

MACHADO, M. N. M. (2005). **Uma metodologia para a pesquisa do domínio social histórico.** *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 9, 57-64. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/machado01.htm>)
MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista USP*, n. 37, p. 82-91, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo Negro: violências históricas e simbólicas.** 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-violencias-historicas-e-simbolicas/> > Acesso em 10 abril 2024.

RIBEIRO, Djamila. **A perspectiva do feminismo negro sobre violências históricas e simbólicas.** 2015 . Disponível em: <https://blogdabotempo.com.br/2015/08/04/a-perspectiva-do-feminismo-negro-sobre-violencias-historicas-e-simbolicas/> . Acesso em 15 abril 2024.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si.** Letrônica, v. 3, n. 1, p. 247-257, 2010.